

O GRITO

BOLETIM DA COMISSÃO DE SOLIDARIEDADE
AOS PRESOS POLÍTICOS PORTUGUÊSES

Nº 6

JANEIRO.FEVEREIRO 1969

RECLAMEMOS

AMNISTIA GERAL E A dissolução da pida

Já mais de cinco meses passaram sobre a nomeação do novo ditador Marcelo Caetano à frente do governo fascista português, que há quase 43 anos submete o nosso povo a uma feroz e criminosa repressão, mantém o país sob o domínio dos grandes monopólios (ligados ao capital imperialista estrangeiro) e dos grandes senhores feudais da terra. Nestes 43 anos tudo o que os fascistas têm conseguido para o nosso país não foi senão o atraso social e económico, o descrédito de Portugal junto das nações democráticas, o último lugar na escala europeia.

Desde a sua chegada ao poder Marcelo Caetano tenta por várias formas enganar o povo com uma pretendida liberalização, falando descaradamente em "tolerância" e na intenção de "destruir ódios e malquerenças". E é muito natural até que no futuro ele tente, em união com os ultras e os chamados "liberalizantes" do regime, (continua na pág. 8)



OS COMITÉS DE AJUDA

A LUTA DO POVO PORTUGUÊS

SUA ACTIVIDADE E COLABORAÇÃO COM A COMISSÃO DE
AUXÍLIO AOS PRESOS POLÍTICOS PORTUGUESES

Já no número anterior deste nosso boletim tivemos oportunidade de falar dos Comitês de Ajuda à Luta do Povo Português que se formaram em França em consequência do desaparecimento de Salazar da cena política portuguesa nos fins de 1968 e, tal como anunciámos, no dia 1º de Dezembro passado realizaram na grande Sala da Mutualité um Sarau de Solidariedade para com a Luta do Povo Português e que teve a presença de 2.000 pessoas, aproximadamente, entre as quais 1.500 portugueses. Neste Sarau que teve um enorme êxito participaram, gratuitamente, grandes nomes franceses e portugueses do mundo do espectáculo, entre os quais: Leny Escudero, Pia Colombo, Claude Vinci, o actor e encenador Pierre Debauche, Michel Muller os compositores Jean Dréjac e Philippe Gerard, Germano Rocha, Daniel Lallou, grupo Henri Crolla, etc.. Neste espectáculo foram recebidas muitas mensagens de solidariedade de organizações democráticas estrangeiras e da Frente Patriótica de Libertação Nacional; a sala estava decorada com palavras de ordem salientando o nosso boletim o cartaz em que se exigia "Liberdade para os Presos Políticos Portugueses"; no palco, um enorme sol, fazia passar a sua luz através das grades negras que pretendiam impedir-lo de brilhar, este símbolo da Liberdade que tenta romper as grades, representa bem a Luta do Povo Português que derrubará o fascismo e, ao mesmo tempo, a Liberdade que todos nós exigimos para os Presos Políticos Portugueses. Na entrada da grande sala da Mutualité, junto à mesa on

de se distribuíam livros e jornais democráticos, podiam-se ver três grandes fotografias de: Joaquim Pires Jorge, Afonso Gregório e Lígia Calapez, três militantes anti-fascistas presos nas terríveis masmorras do regime fascista (Lígia Calapez acaba de ser libertada como noticiámos no tro local). Ainda nesta festa, teve a Comissão de Solidariedade aos Presos Políticos Portugueses a oportunidade de difundir a brochura "Salvemos Afonso Gregório", que foi editada por esta Comissão e na qual, depois de relatar o péssimo estado de saúde deste militante operário, se exige a sua libertação imediata.

Já depois desta grande realização os Comitês de Ajuda à Luta do Povo Português enviaram para Portugal a quantia de 25.000,00 novos francos para a ajuda à Luta Revolucionária; e, em colaboração com a Comissão de Solidariedade aos Presos Políticos Portugueses, foram enviados 5.000,00 novos francos como primeiro envio da Campanha do Natal de 1968 do Preso Político Português, Campanha que habitualmente é levada a efeito pela nossa Comissão e que desta vez foi prejudicada pela Campanha dos "100.000 F. em 45 dias" lançada pelos Comitês, o que levou as nossas duas Organizações a constatar que a ajuda aos Presos Políticos e suas famílias nesta quadra do ano não devia ser inferior à dos anos anteriores, estabelecendo-se assim, o acordo de que enviaria-

(continua na pág. 7)

BLANQUI TEIXEIRA

uma vida ao serviço do povo

1957. Em pleno hospital de S. José, no centro de Lisboa, Fernando Blanqui Teixeira, escapa-se ao agente da PIDE que o acompanha, uma evasão que não deixa de ter o seu toque de humor. Nessa altura cumprira já um ano de prisão, durante o qual fora submetido a torturas várias e frequentes.

O passado de Blanqui Teixeira que até à data da sua evasão contava já com 11 anos de vida clandestina inteiramente dedicados à luta do povo, e a "proeza" que acima referimos pelo meio da qual lubridiou a vigilância da PIDE, fizeram redobrar o ódio que por ele nutriam as forças fascistas. Porém, mesmo sabendo que os esforços da máquina repressiva do Governo se multiplicariam com o fito de recapturá-lo o mais cedo possível, Fernando Blanqui não capitulou, nem se poupou a novos sacrifícios, continuando a trabalhar clandestinamente para o Partido Comunista Português de que era membro. A sua persistência na luta e a grande actividade com que para ela contribuía, viriam em Maio de 1963 a levá-lo de novo às células da PIDE: Fernando Blanqui Teixeira é selvaticamente espancado e torturado, mas como é evidente isso só não chega para acalmar os inóbeis instintos de vingança dos seus carcereiros.

Mantêm-no por isso num regime extremamente duro por um largo período em que as torturas são constantes, e só dois anos mais tarde, em 1965, é "julgado". Tem nessa altura 44 anos. Após o "julgamento", Fernando Blanqui é condenado à pena de 10 anos de prisão com "medidas de segurança".

Actualmente cumprindo esta pena no forte-prisão de Peniche, Fernando Blanqui não está esquecido pois como disse, falando dele, José Dias Coelho (que viria a morrer às mãos da PIDE

em 1961): "amados pelo povo os clandestinos comunistas são o sustentáculo mais firme da resistência ao fascismo".

Os anos que dispensou em luta contra a ditadura fascista, somados aos que tem passado na prisão mostram-nos, sem dúvida, que com Fernando Blanqui Teixeira o povo português tem uma vida ao seu serviço. Cabe-nos portanto a nós todos, democratas e portugueses, exigir a imediata libertação deste exemplar patriota e fazer com que a opinião pública estrangeira se interesse e se empenhe em exigí-la também.

lê, assina e divulga «O GRITO»

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

| | 6 Nos | 12 Nos |
|---------------|-------|--------|
| FRANÇA | 4.80f | 9.60f |
| Outros países | 5.20f | 10.00f |

O pagamento da assinatura deve ser feito a:

Mr. Jean Marcu

CCP 1634317 Paris

com a nota: "Para o grito"

A correspondência deve ser enviada a:

Mr. Jean Marcu

B.P. 80

94 - Vincennes

8 DE MARÇO

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

No dia 8 de Março, as mulheres do mundo inteiro vão celebrar o "seu" dia, o Dia Internacional da Mulher. Em todos os países, mulheres democratas vão reunir-se para comemorar esta data, evocando e discutindo os problemas que lhes dizem respeito como mães, esposas, educadoras, ou simplesmente como democratas. Destas reuniões surgirão mensagens e saudações dirigidas às mulheres dos outros países, e serão exaltadas as mulheres que conhecem actualmente problemas maiores, como por exemplo as heróicas mulheres do Vietnam.

Em Paris, um grupo de mulheres democratas portuguesas têm-se reunido para preparar a comemoração do 8 de Março que assumirá o aspecto de uma grande festa de confraternização. Nesse dia não deixarão de ser evocados os problemas específicos da mulher emigrada que se deve adaptar a um meio estrangeiro e nele educar os seus filhos, combatendo a saudade na luta pelo pão. Também não deixará de

ser evocado o problema da guerra colonial que a mulher portuguesa sofre como mãe, esposa ou noiva. Falar-se-á igualmente das corajosas mulheres do nosso povo que lutam, no país, por melhores condições de vida, às vezes à custa da sua liberdade e até da própria vida.

No dia 8 de Março, os democratas portugueses não poderão esquecer as mulheres que são o orgulho do seu povo, tal como Aida Paula, Sofia Ferreira, a jovem Lígia Calapez, libertadas há pouco pela PIDE, e tantas outras que sofrem, na clandestinidade ou na cadeia, as consequências.

A mulher portuguesa, companheira do homem para partilhar com ele alegrias e dificuldades, sempre disposta a todos os sacrifícios, mostrou que era capaz de ser uma militante activa e corajosa ao lado do homem na sua luta pelo pão e a democracia. Por isso merece ser saudada no "seu" dia, o 8 de Março, Dia Internacional da Mulher.



Este documento fotográfico ilustra um dos aspectos do duro trabalho da mulher portuguesa, tomado durante a faina da pesca na praia da Nazaré.

ALDA NOGUEIRA E LIGIA CALAPEZ foram libertadas

Cabe-nos hoje registrar o nosso regozijo pela saída em liberdade de mais duas patriotas portuguesas, exemplos do espírito e da determinação do nosso povo na luta que sempre tem travado contra o fascismo. Alda Nogueira e Lígia Calapez pertencendo a duas gerações diferentes, atestam perfeitamente o carácter contínuo e permanente que em Portugal se tem revestido a luta pela liberdade e pela democracia.

Lígia Calapez, jovem estudante, cuja conduta e tomadas de posição anti-fascistas, cedo chamaram a atenção da PIDE, foi presa pela primeira vez apenas com a idade de 18 anos, em Janeiro de 1965. Posta em liberdade, mas não renegando os princípios que a guiavam na luta, em Fevereiro do ano seguinte voltaria às funestas células da PIDE, conhecendo aí, mais uma vez as marcas extremamente duras da repressão fascista. Apesar de condenada a 20 meses de prisão, a sua pena prolongou-se até agora em virtude das "medidas de segurança", às quais estava sujeita. Vítima de frequentes torturas, o seu estado de saúde começava a tornar-se seriamente inquietante.

Maria Alda Nogueira, licenciada em ciências químicas, encontrava-se presa desde 15 de Outubro de 1959. O seu precário estado de saúde vinha-se agravando cada vez mais, estado de saúde, de que foram responsáveis os maus tratos por ela sofridos durante os anos em que se encontrou nas mãos da PIDE (veja-se documento que a seguir publicámos). Sem mesmo ter sido julgada, viu-se encerrada nas celas subterrâneas de Caxias até que, só um ano mais tarde viria a passar em tribunal onde, a despeito da absoluta ausência de provas que justificassem a acusação da PIDE, Alda Nogueira foi

LIGIA CALAPEZ



condenada a 8 anos de prisão, acrescidos das famosas "medidas de segurança". Esta pena, a mais pesada que uma mulher sofreu nas masmorras fascistas do "estado novo", sublinhe-se, acaba de expirar. Não será certamente necessário, por isso, dizer do significado e da pertinência com que o nome de Alda Nogueira aparece neste número do nosso boletim, numa data tão significativa para todas as mulheres... E não só para elas!

UM TESTEMUNHO

O texto que passámos a transcrever, trata-se de uma carta de Maria Alda Nogueira escrita quando esta já cumprira mais de ano e meio de prisão. A sua publicação no nosso boletim impunha-se, na medida em que as palavras da própria Alda Nogueira, ultrapassam a dimensão de uma simples carta, para atingirem a de um documento que o fascismo português tem procurado manter actual:

"Durante os 19 meses que até hoje passei na prisão passei os dias nas salas subterrâneas do forte de Caxias onde a humidade é permanente. Is-

(continua na pag. 6)

UM TESTEMUNHO

(continuação da pág. 5)

to contribuiu enormemente para o agravamento de uma doença reumática de que sofro. Durante esse longo período só pude ver a minha família e falar-lhe de perto, duas vezes. Desde então, tão fraca possibilidade de contacto é-me proibida. No Natal, Ano Novo e Páscoa, as 3 visitas em comum as quais eu deveria ter direito foram-me formal e arbitrariamente recusadas. Os encontros com o meu filho de 7 anos dão-se em condições desumanas e extremamente penosas. Ele ficara necessariamente marcado por isto, como é o caso de todas as crianças de patriotas que se encontram em condições idênticas."

LIBERTEMOS



**BLANQUI
TEIXEIRA**



DIAS LOURENÇO



PIRES JORGE



(continuação da última pág.)
baixos que sejam para caluniarem os democratas e mesmo ameacá-los segundo os mesmos métodos da PIDE.

E quando ouvimos um "Silva Pais" dizer que "os presos são tratados dentro dos preceitos da lei e de todos os princípios de humanidade", um Guardado Lopes (director-geral dos Serviços Prisionais) afirmar que o que se pretende é "que o tratamento dos presos seja feito de acôrdo com os princípios consignados na Declaração Universal dos Direitos do Homem, ou um Marcelo Caetano falar em "tolerância" ou "destruir ódios e malquerenças", podemos bem dar-nos conta da sua falsidade e dos intuitos de lôgro que as ditam, e que o governo fascista não faz mais do que se identificar com os processos e crimes da PIDE e se responsabilizar por eles.

Mas a pretendida política "liberalizante" e enganadora do fascismo, que por vezes toca certos democratas, deve ser utilizada a fundo por todos os democratas e antifascistas para forçar, pela luta, o governo de Caetano a cumprir com as suas promessas (embora falsas).

É preciso que, todos unidos, obrieguemos o fascismo a recuar ou então a deitar fora a máscara liberal de que tem necessidade de se revestir para poder sobreviver. Só pela luta firme, unida e consequente de todos os portugueses se poderá levar por diante e conquistar um dos objectivos da democracia e que a nós nos toca particularmente:

A AMNISTIA GERAL

A DISSOLUÇÃO DA PIDE

**RADIO
PORTUGAL
LIVRE**

TODOS OS DIAS
Das 8 às 8.30 em 19 metros; das
20 às 22 h. em 25 metros; e
das 0,20 às 0,50 em 26,32 e 36
metros.

**A VOZ DA
LIBERDADE**

QUARTAS E SÁBADOS : a partir das 1,15 horas, em ondas curtas de 25, 31 e 40 metros e em ondas médias de 230, 300 e 350 metros.



Desenho inspirado
numa tipografia clandestina.

O seu autor,
o escritor Jose Dias Coelho,
foi assassinado
pela PIDE em Dezembro
de 1961, na rua dos
Lusiadas em Lisboa,
após 8 anos de
vida clandestina.

a festa de PASSAGEM DE ANO

Organizada pela nossa comissão e patrocinada pelo Socorro Popular Francês, a nossa festa do fim do ano realizou-se na sala de festas da mairie de Montreuil.

Estiveram presentes cerca de 300 portugueses, muitos deles assistindo pela primeira vez a uma festa da nossa comissão.

O baile, que foi abrilhantado por uma orquestra, esteve muito animado. No bar bebeu-se muita cerveja, vinho do Porto e champanhe comendo-se, ao mesmo tempo, todas as diversas especialidades portuguesas feitas pelas nossas amigas, a quem muito agradecemos.

A receita líquida foi de cerca de

(continuação da pag. 2)

mos a mesma ajuda que, este ano, resultaria do nosso trabalho de conjunto. Aproveitámos para assinalar que outras formas de colaboração entre os Comités de Ajuda à Luta do Povo Português e a nossa Comissão estão a ser estudadas.

700 F. É verdade que não tivemos nem o lucro nem a assistência que julgávamos ter, por defeito de propaganda, mas consideramos que foi um êxito na medida em que conseguimos o nosso objectivo: aproximar os portugueses e dar-lhe um ambiente de alegria bem português, nesta noite de fim de ano.

A orquestra, que todos nós julgávamos actuar até de manhã, só o pode fazer até às 3,50. O amigo que a contratou não teve o cuidado de pôr essa condição, julgando não ser necessário, pois, em princípio, um baile de fim de ano dura toda a noite. Só quando a noite ia adiantada é que o chefe da orquestra nos informou que só actuariam até às 3 horas. No entanto, conseguimos que ficasse o acordeonista por mais algum tempo e foi, com ele e com os discos, que terminou o baile.

Cabe-nos aqui agradecer a todos a boa compreensão perante esta modificação do programa pedindo-lhes desculpa e prometendo não cometer, para a próxima, faltas desta ordem.

(continuação da pág. 1)

lançar ainda mais palavras demagógicas no intuito de iludir o carácter fascista do governo e assim querer a largar a sua já reduzida base social em que se apoia.

Mas o que o fascismo efectivamente hoje pretende é vestir uma máscara de "liberalização" para melhor poder continuar com a sua acção, isto é, continuar o salazarismo sem Salazar.

Para nós que defendemos uma causa sagrada, a causa da libertação imediata de todos os presos políticos - uma das reclamações mais sentidas de todos os portugueses e dos democratas sinceros - a amnistia geral, a abolição das desumanas "medidas de segurança", o regresso dos exilados e deportados, o fim das torturas aos presos, a dissolução da polícia política, a PIDE, um rigoroso inquérito aos crimes fascistas e o julgamento e castigo dos seus responsáveis, seriam dados concretos para se ajuizar de uma nova política, uma "política sem ódios nem retaliações", da criação na prática de um "clima de tranquilidade pública".

E não esqueçamos, no entanto, que outros aspectos são fundamentais para os portugueses, como por exemplo o restabelecimento do direito de organização das correntes democráticas, a liberdade de expressão de pensamento, o fim das guerras coloniais, a satisfação das reivindicações sociais e económicas mais prementes das classes trabalhadoras.

Julgámos porém evidente que nenhuma destas aspirações do povo português poderá ser jamais satisfeita por um governo fascista, com ou sem Salazar com ou sem Caetano. Pensar o contrário só seria ingenuidade. Só a consciencialização e a luta decidida das mais largas camadas da população obrigarão o fascismo a fazer concessões.

E durante este período de chefia de governo por Marcelo Caetano o que é que podemos vêr? Podemos ver palavras e actos: palavras demagógicas e enganadoras por um lado e factos a testar e a pôr a nú a verdadeira cara do odioso regime dos fascistas, por outro.

Podemos citar como exemplo no que se refere à odiosa PIDE: Marcelo Caetano e seus comparsas não encontraram melhor forma para exprimir públi-

camente a continuação da repressão do que ostensivamente fazer condecorar pelo ministro do Interior o major Silva Pais, director da PIDE, e louvar o chefe de Brigada José Gonçalves que tem à sua conta inúmeros crimes, entre os quais o assassinato a tiro, em 1945, do operário dos Estaleiros Navais Alfredo Dinis. E não esqueçamos que foi a PIDE que assassinou o general Humberto Delgado, Bento Gonçalves, Dias Coelho, Catarina Eufémia, general Godinho e tantos outros destacados combatentes anti-fascistas.

Ainda recentemente a 24 de Outubro coube a vez ao estudante Daniel Teixeira (a que nos referimos no nosso boletim anterior) que sucumbiu aos maus tratos infligidos pela PIDE, após poucos meses de detenção.

Um estudo do advogado Salgado Zenha respeitante à "instrução processual" é apreendido por esta mesma polícia política.

As prisões de Peniche e Caxias, mantêm-se cheias de democratas e destacados filhos do povo, que continuam a enfrentar as mesmas condições desumanas, tanto físicas como morais, e as mesmas ameaças. Foram e continuam presos apenas porque defendem e defenderão com firmeza e coragem os interesses do povo e da nossa pátria.

As justas reivindicações, estudantis o governo de Caetano responde com a acção da PIDE: em Dezembro é encerrado o Instituto Superior Técnico e é ocupada a sua Associação Académica.

Nas vésperas das férias do Carnaval é encerrada a Faculdade de Direito tomando como pretexto o facto de 200 estudantes terem ocupado os seus locais em sinal de protesto pelo atraso do governo em aprovar os corpos directivos da Associação, eleitos democraticamente.

O terror da polícia é um "tabu" no qual não se pode falar, assim como o é também a criminosa guerra colonial. Não é permitido publicarem-se as reclamações dos presos e suas famílias, nem quaisquer notícias referentes às torturas e aos crimes da PIDE.

No entanto a certos jornais fascistas como "Agora" é permitido usar-se de todos os processos por mais

(continua na pág. 6)